

Redacção e administração
R. de S. Martinho

AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 241

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2300. Semestre, 1150 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No copo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

O EXERCITO PORTUGUEZ

Li a *Débauc* logo que ella se publicou. Nunca mais a li. Mas foi tão funda a impressão, que esse livro deixou no meu espirito, que ainda hoje me lembro, com nitidez, de todos os incidentes postos em relevo pelo extraordinario poder de Zola.

Impressionou-me, sobretudo, porque só então eu vi o que seria o exercito portuguez em campanha, tendo por adversario um exercito instruido, disciplinado, preparado. Porque só então eu vi como as mesmas causas produzem, precisamente, os mesmos effeitos.

O exercito francez não era um exercito da França. Era um exercito de Napoleão, era um exercito do regimen. O regimen preparou-o para os seus proprios interesses, para a sua propria defeza. Quando a França precisou d'elle, não o encontrou. Era logico. Ou quando Bazaine se entregava, ou quando Mac-Mahon alterava os seus planos, ou quando Wimpfen substituiu Durot, era sempre a defeza do regimen que se tinha em vista. Sempre! O interesse da França não era nada. O interesse do imperio era tudo.

Assim foi, assim ha de ser eternamente quando o regimen se divorcia da nação, quando se sente condemnado pela consciencia publica, quando se impõe pelo terror, pelo favoritismo, pela corrupção, em vez de se impôr pela liberdade, pela moralidade e pela justiça.

Não se illudam os povos. Não se deixem seduzir por especulações inconfessaveis. Não acreditem n'aquelles que são pagos, ou em dinheiro de contado ou por outra qualquer fórma, que a especie da moeda não importa nada, para proclamar, no parlamento e nos periodicos, a valentia e a gloria dos exercitos á mercê de instituições que vivem em aberto conflicto com as aspirações nacionaes. Tambem elles em França diziam que não faltava um botão na jaqueta dos soldados! Emilio Ollivier concluia: «Desde hoje, começa para os ministros, para os meus collegas e para mim, uma grande responsabilidade. Nós a aceitamos de coração leve!»

Como os ministros portuguezes, que nunca recuam deante de nenhuma responsabilidade. A cada instante declaram assumir a responsabilidade. E' que é facil assumir responsabilidades quando se quebrou todo o laço de solidariedade com a nação, quando se vive do favor exclusivo d'um só homem, enfim, quando se perdeu a consciencia.

A obra feita em Portugal pelo regimen, no exercito, desde 1891, obra cantada pelos que vivem das mercês dos partidos dominantes, obra que elles proclamam de regeneração, é tudo quanto ha de mais dissolvente, de mais funesto, sob o ponto de vista dos interesses nacionaes. Sob o ponto de vista monarchico não diremos outro tanto. A monarchia procurou matar no exercito, como em tudo o mais, o espirito de nação. O Regulamento Disciplinar, o Codigo de Justiça Militar, a escolha dos commandos, os processos estabelecidos nos quartéis, todas as leis, todos os actos, visam ao mesmo fim: quebrar resistencias, eliminar veleidades de revolta, calar a justiça, esmagar a razão, fazer dos homens instrumentos passivos das instituições. Este é o fim tenazmente proseguido pelos servos do regimen desde 1891. E esse fim conseguiram-no, diga-se a verdade.

Tudo se vem desmoronando, tudo se vem inutilizando, tudo se vem perdendo e estragando. Não ha quartéis, não ha mobílias, não ha armamentos, não ha equipamentos. Mas ha para o regimen uma coisa que vale muito mais, uma coisa de que elle justamente se orgulha e gloria, uma coisa que elle obteve com tenacidade admiravel, sem descançar, sem afrouxar: os homens acabaram, os homens morreram. Homens livres. Homens patriotas. Homens norteando-se pelo amor da patria e da liberdade. Homens capazes de pensar, de saber, de proceder.

Ninguem pensa, ninguem fala, ninguem trabalha, porque elle não deixa pensar, falar, nem trabalhar.

Vamos para Sédan? Sem duvida. Mas que importa isso? Ao exercito francez faltava tudo. Mas ao imperador não faltava coisa alguma. Os soldados francezes não comiam. Chegavam aos altos e o serviço da administração militar não apparecia. Quando apparecia, era á hora de continuar a marcha. Outras vezes, era o inimigo que os surprehedia a comer o rancho. Mas as baterias de cosinha do imperador estavam sempre completas. Ao imperador não faltava a baixella de prata, nem toalhas e guardanapos de linho finissimo, nem cestos cheios de provisões e de vinhos excellentes. As cosinhas do imperador, em plena campanha, espantavam pelo numero e qualidade dos assados, pelo luxo e bom tom dos cosinheiros. As noticias das derrotas eram recebidas por entre o estalar das rollhas das garrafas de champagne e a doida alegria dos ajudantes de campo, que viam nas derrotas a perspectiva do rapido regresso

a Paris, a terra do vicio, a terra do prazer.

Vamos para Sédan? Vamos lá. Não nos ha de altar o general Bourgain-Desfeuilles para dizer: — Oû ça, les bois de Dienlet? — Entre Stenay e Mouzon, meu general.

— Stenay, Mouzon, connais pas, moi!

Temos um que perdeu um regimento em Famacião, recebendo em seguida o commando da Escola pratica de Mafra. Temos outro que levantou um brinde ao Santissimo Sacramento, para constar ao bispo, a fim de que o bispo, por sua vez, o fizesse constar a uma senhora d'alta influencia. No periodo em que essa senhora se impunha pela sua devoção, coroneis, que nunca se tinham confessado, corriam a ajoelhar, contrictos, á meza da sagrada communhão.

— Oû ça, les bois de Dienlet? — Stenay, Mouzon, connais pas, moi!

Porque não havemos de ir para Sédan? A França foi, com officiaes e soldados educados nas campanhas de Italia, da Criméa e do Mexico. A França foi, com generaes como Bazaine, Mac-Mahon e Conrobert. Porque não havemos de ir nós?

Esse general Bourgain-Desfeuilles, que ignorava tudo, que não via na guerra senão o meio de ser promovido, não era inferior, no fim de contas, aos generaes que levantam brindes ao Santissimo Sacramento.

Porque havemos nós de ser de melhor massa que os francezes e de melhor massa que os hespanhoes? Nem sabemos mais do que elles sabiam, nem valemos mais do que elles valiam!

Essa é a obra nefasta do regimen, repetimos, obra irremediavel. Essa tem sido a obra de todos os regimens aos quaes faltou o apoio da nação.

A alliança ingleza podia ter sido de grande vantagem para o paiz. Não foi, porque o regimen fez com ella o que fez com tudo: converteu-a em instrumento exclusivo da sua defeza.

A alliança ingleza não é uma alliança nacional. O exercito servia para conter as revoltas populares. Para isso chegava, no estado em que o vemos, sem armamento, sem equipamento, sem coisa nenhuma. Sim, para isso chegava. Mas quando não chegasse, mas quando o trabalho de esmagar vontades, de arrancar iniciativas, de suffocar independencias, de converter homens em lacaios, de fazer de cidadãos creados de servir, não dêsse os resultados que se esperavam, servia para o resto a alliança ingleza. Servia tambem para impedir a intervenção estrangeira, a fim de que as oligarchias dominantes

continuassem a gozar o grande regabofe.

Um instrumento de defeza do regimen. A nós, o povo, o paiz, não nos serviu de coisa nenhuma.

Se amanhã a temida conflagração europeia rebentar, o menos que nos poderá acontecer é dar a vida pelos outros nas fronteiras da India ingleza.

O menos!

O mais será morreremos com a patria.

Se a Hespanha adheriu á alliança franco-russa, como é provavel, como é quasi certo, só o triumpho da republica em Hespanha nos poderia salvar d'uma invasão hespanhola.

E eis como a monarchia garante a independencia da patria!

E eis o que a nação retira da alliança com Inglaterra, alliança que, aliás, poderia ter sido altamente vantajosa para nós!

Nem temos exercito que nos honre e nos imponha se tivermos de ir até á India, nem temos exercito que nos salve, se tivermos de lutar com a Hespanha.

O regimen fez em Portugal o que fez na França, o que fez na Hespanha, o que faz sempre que se divorcia da nação.

Desgraçadamente, os povos não apprendem com palavras.

Só apprendem com a desgraça, quando conseguem escapar da morte.

Seguiremos a lei universal.

TRANSCRIPÇÕES

O *Debate*, que tem transcripto sempre as nossas *Cartas d'Algueres*, transcreveu tambem o nosso ultimo artigo de fundo.

Agradecemos.

REPUBLICANOS

DE

AVEIRO

Já se realiou uma reunião preparatoria de republicanos d'esta localidade, e realisa-se amanhã a reunião definitiva para a eleição da commissão municipal, que ficará constituindo o corpo dirigente do partido republicano em Aveiro.

Sabemos que todos os nossos correligionarios estão animados do melhor espirito, resolvidos a trabalhar com vontade, com sinceridade, na reorganização das forças democraticas.

Antes assim.

E' preciso que o partido republicano seja um partido forte, bem orientado, conscio da sua missão. E' preciso que deixemos todos de ser discolos, para sermos homens. Sem isso ha oligarchias, ha quadri-lhas, ha o que quizerem; o que não ha, em caso algum, é partido de republicanos.

Os republicanos de Aveiro queixam-se, como os republicanos de todo o paiz, das dissensões, das discordias intestinas, que minaram e enfraqueceram o partido. Mas donde veio isso? Veio da falta de opinião, entre os mesmos republi-

canos que agora se lamentam. Veio da falta de orientação. Veio da falta de amor aos principios. Veio da falta de tolerancia e, ao mesmo tempo, da falta de intransigencia.

Os republicanos orientaram-se nas pessoas, não se orientaram nos principios. Se estas pessoas lhes agradavam, estavam do lado d'ellas contra a verdade, contra a justiça, contra os interesses da patria e da democracia; se aquellas pessoas lhes desagradavam, estavam contra ellas, tambem contra os interesses da verdade, da justiça, da patria, da democracia e de tudo. A este criterio exclusivo obedeceram sempre. E com um criterio de tal ordem era fatal a desordem e a indisciplina.

Com uns não tiveram intransigencia nenhuma, perdoando-lhes todos os attentados aos principios. Com outros foram ferozmente intolerantes, accusando-os de todos os crimes, pelo unico facto d'elles não estarem d'accordo com aquelles que lhes agradavam. D'aqui resultaria necessariamente, como resultou, abusarem todos. Abusavam uns commettendo maiores irregularidades, maiores e mais revoltantes attentados, á sombra da tolerancia do grosso do partido; abusavam outros irritando-se ao excesso com a perseguição feroz que lhes era movida, perseguição filha d'uma intolerancia tanto mais odiosa, tanto mais insupportavel, quanto maior e mais iniqua era a tolerancia aos outros concedida.

D'ahi resultaram todas as discordias. Proveio tudo de não haver em Portugal um partido republicano digno de tal nome, com opinião, com principios, orientando-se pelo amor da verdade e da justiça em vez de se orientar pelas sympathias ou antipathias de pessoas.

Se entre os republicanos tivesse havido opinião, nunca as divergencias haveriam degenerado em pugnas indignas. Essa opinião ter-se-hia imposto a uns, energicamente, embora sob uma fórma e um aspecto moderado, para que elles não continuassem a commetter os maiores ultrajes á democracia; e ter-se-hia imposto a outros, tambem dignamente, embora, no fundo, com a mesma energia, para que elles, nas criticas, nas censuras, nas accusações, não fossem além do que, decorosamente, lhes era permitido.

Não se illudam, que continuar na illusão é continuar no erro. Os que fizeram o maior mal ao partido republicano não foram os que se desmancharam em pugnas estereis; foram os que não souberam, ou não quizeram, intervir a tempo. O mal, o grande mal, propriamente não veio d'essas pugnas; veio dos attentados e dos erros commettidos. Com discordias ou sem ellas, o partido republicano teria baqueado, tantos disparates, tantas immoralidades, tantos erros commetteu. As discordias foram já filhas d'isso tudo.

Pois os senhores não veem isto? Não é vér tanto que seja precisa muita prespicacia.

O partido republicano fartou-se de commetter desatinos. Não eram, verdadeiramente, os que vinham para publico censurar esses desatinos que prejudicavam o partido. O grande prejuizo vinha dos proprios desatinos. De tal fórma, e tanto é verdade o que estamos afirmando, que muitos dos que eram accusados de traidores, de espiões, de vendidos, por, com mais ou menos violencia, apontarem e estigmatizarem crimes, irregularidades e desvios,

Cartas d'Algueres

18 DE MARÇO.

Falei na irreligiosidade e na instrução do povo japonês. A esse proposito vale a pena dizer mais alguma coisa.

E' indispensavel que os portugueses saibam bem como se faz um povo. Entre nós dominam as idéas mais disparatadas, filhas de uma grande ignorancia. Não ha, geralmente, homem mais inculto do que aquelle que entre nós se chama culto. Sem excepção de partidos.

Um republicano escreve que não vale a pena instruir o povo. Outro manifesta a maior admiração pela burguezia sem esconder o maior desdém pelas classes populares. Este proclama que é republicano mas que não é demócrata. Aquelle escreve que educar a nação, sem fazer desde já a revolução, é perder tempo. E assim por deante.

Homens qualificados! Homens reputados grandes talentos!

Homens qualificados, homens reputados grandes talentos, que procuram a causa da decadencia portugueza em factos relativamente insignificantes, no espirito mercantil que em certo momento se apoderou d'uma parte do paiz, no sangue semita dos homens do sul, por exemplo, negando-se a dar importancia a causas maximas, como o predomínio absorbente, esterilizador, suffocante do clericalismo, que gerou todos os vicios e manteve a mais pavorosa ignorancia, inspirando o horror da instrução.

Em face d'um desvairamento de tal ordem, de tão lamentavel confusão de idéas, não ha remedio senão insistir a toda a hora, esclarecendo os espiritos, sobre os meios empregados pelos outros povos para progredirem.

E' uma propaganda patriótica. Olhar com indifferença a ignorancia do paiz, desprezar as classes populares, não vêr nellas o unico elemento de regeneração nacional, é uma bestialidade, por maior fama de talentoso que tenha aquelle que assim pratica, sem deixar de ser um crime.

Um grande crime!

Já aqui tenho dado noticia de formidaveis donativos feitos por estrangeiros ricos, inglezes, americanos, suecos, etc, á instrução dos seus paizes. Pois n'este mesmo instante me chega ás mãos um livro estrangeiro, já publicado este anno, onde tomo conhecimento de novos donativos, diferentes dos que tenho referido. Vale a pena vêr. Ora vejamos.

A senhora Huntington, (americana, como americanos são os outros nomes que vamos citar) dá 250.000 francos (45 contos de réis) á Universidade de Harvard. O sr. Severance, 250.000 francos á Universidade de Wooster. O sr. James Stillmann, 500.000 francos (90 contos) á faculdade de medicina da Universidade de Harvard. Um anonymo, 500.000 francos ás universidades de Washington e Lee. O sr. Billings, 270 contos de réis, assim divididos: 500.000 francos á Universidade de Harvard; 500.000 ao Instituto Technologico; 500.000 á Escola de Bellas Artes, de Boston. O sr. Wheelock, 500.000 francos á Universidade de Harvard e 500.000 á Universidade de Clark. O sr. Carnegie, 500.000 francos á Universidade de Wooster. O sr. Currier, 750.000 (135 contos) á Universidade de Yale. O sr. Geo Smith, 2.250.000 francos (405 contos) á Universidade de Harvard. O sr. Rockefeller, 2.500.000 (450 contos) ao Barnard College; 5.000.000 (900 contos) á faculdade de medicina de Harvard e 6.250.000 francos (1.125 contos) á Universidade de Chicago. Emfim, o mesmo sr. Carnegie, já citado, dá á bagatella de mil milhões de francos (180.000 contos!) a 571 bibliothecas populares dos Estados-Unidos, Cuba e Inglaterra.

E' como se procede n'esses grandes paizes, que vão na vanguarda da civilização. Em Portugal, os chefes radicaes proclamam que não vale a pena instruir o povo e os

conservadores preferem dar esmolas avultadas ao Senhor dos Passos a dar cinco réis para as escolas.

Não temos millionarios, que possam fazer donativos de centenaes de contos. Mas temos muita gente rica que poderia fazer donativos de centos de mil réis. E isto bastaria. O dinheiro dispendido a comprar botões de punhos e berloques para o Senhor dos Passos, mantos e saias ricas para a Senhora das Dóres, em esportulas de toda a ordem para a corte celestial, em auxilios a obras piedosas por esse paiz fóra, sem contar com os testamentos falsificados pelos jesuitas confessores de fidalgos e fidalgas, daria para uma larga dotação escolar, capaz de melhorar profundamente a mentalidade da nação.

Mas entre nós ninguém pensa n'essas bagatellas. A educação clerical domina ainda todos os espiritos, mesmo alguns d'aquelles que d'ella se julgam emancipados. E assim, ao passo que uns manifestam a mais completa indifferença pela instrução, a par d'um accentuado desdém pelo povo, outros reservam todos os seus enthusiasmos, todas as suas ofertas, todos os seus carinhos, para as coisas da Igreja.

A escola é vista com maus olhos, ou, pelo menos, com desconfiança.

Foi n'esta nossa corrente o Japão? Foi a rezar, e a proclamar, pela bocca dos seus publicistas, dos seus pensadores, dos seus reformadores, que não valia a pena instruir o povo, que elle entrou na categoria das grandes nações?

Não. Os japonezes, como já disse, são irreligiosos. Todos os escriptores, que d'elles tratam, e que de perto os estudaram, são unanimes n'esse ponto. Veja-se, por exemplo, Henry Dumolard, no seu livro *Le Japon politique, économique et social*, publicação recentissima e das melhores que, no genero, conhecemos.

Dumolard é francez, e, como tal, suspeito. Não morre d'amores pelos japonezes. Procura, até, mais ou menos, amesquinha-los, como outros escriptores seus compatriotas, a um dos quaes, Gustavo Le Bon, já por mais do que uma vez aqui nos referimos. Não obstante, diz o sufficiente para que um espirito reflectido, que não accete sem exame as opiniões alheias, possa reconhecer e admirar o extraordinario trabalho de civilização realizado pelos japonezes em 36 annos.

Dumolard, como outros, acha pouco sólida a obra revolucionaria do Japão. Vê n'ella incertezas, perturbações, indisciplina, desordens. Mas como succeder outra coisa? Pois o Japão, em 36 annos, havia de attingir a firme orientação e a estabilidade das nações occidentaes da vanguarda? Quantos annos tem levado a França a fazer a sua educação democratica? Quando conseguirá completa-la? Quantos levou a Inglaterra?

Que uso tem feito Portugal e a Hespanha do regimen constitucional, aliás proclamado entre ellas ha tres quartos de seculo?

E' claro que a vida constitucional do Japão, por isso mesmo que é recentissima, não pôde ser um modelo; ha de ter falhas; ha de ter defeitos; ha de ter vicios. Mas, com tudo isso, realison aquelle paiz os progressos mais admiraveis de que ha memoria no mundo. Nunca povo algum fez tanto, em tão pouco tempo. Os *mas* de Dumolard não conseguem, de forma nenhuma, provar a insufficiencia do povo japonês. O escriptor francez, registando, como outros, as extraordinarias reformas administrativas e fazendarias feitas nos ultimos 36 annos, as reformas do exercito e da armada, verdadeiras organizações, que é termo mais proprio que o de reformas, a criação de linhas ferreas e telegraphicas, a abertura de estradas ordinarias, a criação da instrução publica e da grande industria, as reformas operarias e agricolas, tudo em 36 annos, e de forma que o contribuinte japonês é ainda o menos sobrecarregado do mundo, poz bem em relevo as grandes aptidões, as enormes faculdades d'esse povo.

Com todas as immoralidades, que possa haver na sua adminis-

tração, os encargos, que pesam sobre o cidadão japonês, depois da estupenda revolução feita em todos os serviços publicos, ainda são **doze vezes menores** do que aquelles que pesam sobre o cidadão francez. Em relação a Portugal, nem é bom falar! E, reflectindo o exercito, em toda a parte, o estado social d'um povo, a maneira como a marinha japoneza acaba de se apresentar mostra bem que a disciplina do Japão, e a desorganização dos serviços, a que se refere Dumolard em algumas passagens do seu livro, é ainda coisa relativamente insignificante. D'outra forma o exercito japonês não seria uma coisa sólida, como é, mas o que foi o francez em 1870, o que foi o hespanhol em 1898, e o que é o nosso actualmente.

Mas afastei-me do assumpto principal, que era a irreligiosidade e a instrução do povo japonês.

Essa irreligiosidade é registada, repito, por todos os escriptores. O japonês é despedido de todos os preconceitos religiosos. Os missionarios europeus nunca tiveram sobre elle influencia alguma. Não tem paixão nenhuma, nem pelo budhismo, nem pelo sintoismo, nem pelo christianismo. Para elle, são estes os proprios termos de que se servem os escriptores que conhecem o Japão, tanto vale esta religião como aquella, e nenhuma vale grande coisa.

Foi sobre espiritos assim preparados que se exerceu a poderosa acção da instrução. E' claro que é instrução, e só a instrução, se deve o grande desenvolvimento da industria, da agricultura, do commercio, o esplendor do exercito e da armada, todo o progresso, emfim, dos varios ramos da actividade nacional.

Não só é enorme o desenvolvimento da instrução primaria e o da instrução superior, como ainda o da instrução profissional. A acção dos governos juntou-se a acção benemerita dos particulares, como nas grandes nações cultas da Europa e da America. Entre as 28.404 escolas que o Japão possuia em 1901, contam-se 1.762 de iniciativa particular, ente estas uma Universidade para mulheres, em Tokio, fundada em 1901 por iniciativa do conde Okouma, o conde Idjikata, o barão Shibousawa, o banqueiro Soumitomé, a *Escola de Wacida*, em Tokio, devida ainda á generosidade do conde Okouma, grande estadista, e o celebre collegio *Keio Gijyuku*, fundado e dirigido por Foukousawa, o primeiro publicista japonês, fallecido em 1901.

Muito mais haveria que dizer a este respeito. Mas esta carta já váo longa.

Vejam todos como se faz um povo! E Portugal ha de se convencer com os factos, ha de seguir o caminho que os outros seguiram, ou está irremediavelmente perdido.

A primeira coisa a fazer é instruir, é educar. Não ver isto, é dar provas de profunda ignorancia, senão de profunda estupidez.

A. B.

AVISO

A redacção dos jornaes que publicaram annuncios e reclamos nos *Mysterios da Inquisição e Ambição d'um Rei*, e receberam as respectivas cadernetas, roga-se o obsequio de informarem-nos de qual o ultimo numero em seu poder, para lhes ser enviado o final das duas obras e respectivo brinde.

Dos *Mysterios da Inquisição* é favor annunciarem a sua conclusão. A obra compõe-se de 3 volumes. Cada vol. encad. em percalina e a cores 2\$300 réis; em brochura 1\$500 réis. Tomo 300 réis.

Brinde a todos os assignantes. Agradece antecipadamente.

A EMPRESA.

PROMOÇÃO

Foi promovido á 2.ª instancia e collocado na relação dos Açores, o sr. dr. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto, digno juiz da 3.ª vara de Lisboa.

feram, com o tempo, os mais tenazes e leaes servidores da democracia; e os que eram reputados, então, excellentes republicanos, e apoiados calorosamente pelo grosso do partido, ou afrouxaram na sua fé, ou torpemente se bandearam com os quadrilheiros realistas.

Escusamos de citar nomes. Todos os republicanos, de Aveiro ou de fóra, os conhecem de sobejo.

Não lancem culpas uns aos outros. Accusem-se todos a si proprios, que todos tem de que se accusar.

E não chorem muito as discórdias, nem o tempo perdido. Ter-se-hia perdido muito tempo se o partido republicano tivesse estado á altura da sua missão gloriosa. Mas a verdade é que não estava. As discórdias e os desastres tiveram a grandissima vantagem de mostrar ao partido republicano que lhe faltava muito para ser um partido digno d'esse nome. Muito. Muitissimo. Foi uma ventura, quasi, que essas discórdias, que esses desastres houvessem succedido. O partido republicano apprendeu na desgraça, apprendeu na opposição, o que é muito diferente de aprender no governo. O partido republicano não estava educado. O partido republicano não estava preparado. Eis tudo.

Mas chegou a hora dos republicanos constituirem, emfim, uma grande agremiação, digna da patria e da democracia? Chegou a hora de emendarmos os erros, os excessos, os abusos que todos commetemos? Sem duvida, e vamos a isso. Vamos a isso! Urgentemente! Sem demora!

O *Povo de Aveiro* reserva a sua plena liberdade de acção, mas para auxiliar e não para embarçar. Não temos a certeza de que o partido republicano haja perdido a feróz intolerancia de que fomos victima. Queremos dizer o que pensamos, o que sentimos, sem que nos acusem de indisciplinados. Temos os nossos melindres, que não são censuraveis desde que não os colloquemos acima dos principios. Eis porque ficamos á parte. Mas dizendo o que sentimos, dizendo o que pensamos, havemos de fazê-lo sem azedume, para illucidar, para esclarecer e não para irritar.

Quando não concordarmos diremos francamente: «não concordamos», reconhecendo aos outros o plenissimo direito de fazerem o mesmo a nosso respeito. Mas o facto de não concordarmos não importará nunca um ataque pessoal, seja qual for a pessoa que nos motive a divergencia.

Esta é que deveria ser a norma de todos os republicanos. Os republicanos tiveram sempre medo de discutir uns com os outros, divergindo de opiniões. E tiveram sempre medo d'isso porque, a breve trecho, mercê d'uma lastimosa educação, cahiam em descomposturas, injurias, ou, pelo menos, insinuações deploraveis. Ora a falta de discussão de principios é um grande mal. Não se comprehende um partido democratico sem essa discussão. Nem, sem ella, ha opinião. Deveremos discutir. Mas lealmente, urbanamente, amigavelmente. Ponhamos de parte, de uma vez para sempre, essa desgraçada educação clerical, que ainda nos domina. A intolerancia cathedraica, entre nós, é tamanha, que não se chega a admitir o simples facto de não serem todos da nossa opinião. Por essa intolerancia, pela vaidade ridicula que lhe anda inherente, ou amamos, tratando com falso desprezo e má vontade o que teve a pouca vergonha de não estar d'accordo connosco, ou temos sempre a pretensão de vencer o adversario, quando discutimos. E então não discutimos lealmente, honradamente. Recorremos a todos os subterfugios, a todas as chicanas, a todos os sophismas, chicanas e sophismas verdadeiramente ignobeis muitas vezes. Não discutimos com nobreza, com elevação, com superioridade, como homens. Discutimos como um seminarista, conservando todos os vicios, toda a torpeza jesuitica.

Isto deve terminar entre a im-

prensa republicana. Eloquentes e vivos na defeza da idéa, é conveniente até que o sejamos. Mas honrados, dignos, urbanos uns com os outros, como defensores leaes da mesma causa, como soldados do mesmo exercito.

Devemos discutir como amigos, sem preocupações extranhas que nos perturbem o espirito.

E' indispensavel e não cessaremos de o repetir—que os republicanos se auxiliem, se protejam, se estimem uns aos outros. Emquanto se tratarem como lobos, ou como inquisidores, que todos nós temos o quer que é de inquisição, não ha partido possivel, nem admissivel.

O que não exclue a divergencia de opiniões, nem a discussão de principios. O que não exclue a intervenção dos republicanos contra aquelles que abusem. Emfim, deixemos todos de ser discolos e resolvamo-nos todos a ser homens.

O *Povo de Aveiro*, pois, conserva toda a sua liberdade de acção, mas para guiar, animar, estimular, não para tibiar ou dificultar. E não só applaude os republicanos da localidade na sua tentativa, como os exhorta vivamente a proceder.

Façam todos como nós fazemos: ponham acima dos seus resentimentos os interesses da patria e da liberdade. Façam tábua rasa do passado. Lembrem-se de que nunca a situação foi tão grave como presentemente. A patria agonisa. Não é uma phrase de rhetorica. Não é uma palavra vã. E' a expressão singela da verdade. A patria agonisa. E se nem os republicanos são capazes, n'este instante, de abafar paixões mesquinhas para servir sinceramente a causa da liberdade e a honra do paiz, os portuguezes ficarão na historia como a vergonha da especie humana.

Avante! Avante! Não haja lugar para hesitações de qualquer ordem.

A honra manda marchar. Marchemos.

Aos nossos assignantes
Pedimos aos nossos estimaveis assignantes o favor de pagarem os recibos das suas assignaturas logo que elles lhes forem apresentados, para nos evitarem maiores despesas de cobrança. Assim procedem quasi todos. Alguns porém, desculdam-se, e d'ahi resultam embarços que desejamos evitar.

Esperamos que esses atenderão este pedido.

Companhia Lisbonense

Encontra-se já n'esta cidade todo o pessoal pertencente a esta companhia, sob a direcção do conhecido actor Oliveira.

Dizem-nos que o seu repertorio é magnifico, tencionando levar a scena, n'um dos proximos dias da semana, uma das suas melhores peças.

Esta companhia vem precedida de magnifica reputação das diferentes terras onde tem trabalhado.

Theatro Aveirense

Promovido pela Associação Academica de Coimbra, realison-se antehontem no nosso theatro um sarau dramatico subindo á scena a «Manhã de Nevoa», «lever de rideau» em verso, de Cunha Pimentel, «Uma mulher por duas horas», de Santos Lima e «A dona dos olhos verdes» de Gomes da Silva.

Os nossos academicos levaram tambem a «Renova do Catimban», agradando muitissimo, quer uns, quer outros, recebendo por isso fartos applausos.

A recepção feita nos estudantes de Coimbra pelos seus collegas de Aveiro foi deveras significativa, e a fraternidade das duas academias mais uma vez solidificada.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

A SOCIEDADE

"RECREIO ARTISTICO,"

NO DIA DO ANIVERSARIO DA SUA INAUGURAÇÃO

Heróis pelo trabalho, heróis pela virtude, heróis pelo dever, heróis da liberdade; A hora se gerou na vossa juventude; E Deus ha-de-vos dar o alento e dar saúde Até irdes morrer no céu, na eternidade! Mas entre essa tarefa ardente, confiada Ao vosso peito, ao vosso braço, ao vosso alento, E' ben que haja alegria, paz, contentamento, E os frutos do trabalho e a luz da madrugada. Um-vos como irmãos é um dever sagrado; Que entre artistas a paz ha de reinar eterna, E do seio fatal da podridão moderna Surgirá o trabalho ideal, cristalizado. Faz hoje annos que vós do alto da vossa gloria, Heróis, e mais heróicos do que os heróicos da historia,

Tiveis uma ideia immensa e luminosa, Brillante como a luz e alegre como a rosa; E eu hoje digo alto e em voz fortalecida: — Quem trabalha é quem tem o direito á vida! E' a vós este canto, heróicos que trabalhastes; A vós almas de fé, d'esperança e caridade; A vós almas de luz, d'amor e liberdade; A vós corações d'ouro abertos ao luar, Aonde vos cair o pranto d'alvorada, E humilhes afrontaes á luz da madrugada As luctas do destino e os vagalhões do mar! A vós que conservaes a crença verdadeira, Bem guardada no ideal do vosso coração, E ao soítardes da vida a fibra derradeira Ergueis ás mãos ao céu, cantando uma oração; A vós que atravessastes os prantos da vida, Sem um murmúrio só de queixa ou indignação. E quando repossaes n'uma feral jizida, A' sombra d'uma planta agreste e ressequida, Tendes ainda a fé dentro do coração! Sim, é a vós meu canto, a vós, almas de luz Que vistes perecer Caído nos vossos braços, E vistes Prometheo, e vistes n'uma Cruz, Pelo amor, pela luz e pela liberdade; Pelo trabalho, esperança e pela caridade, Morrer sem um lamento o pallido Jesus! Tudo quanto em meu peito tenho do sagrado, O amor da liberdade, a crença n'um só Deus, E este meu pobre canto humilde, verdadeiro, Tudo isto vos dou, contente e confiado Que o acolhereis com o melhor agrado, Inda que nada valham estes versos meus: Eu peço que quel sou também, que nada valho, Venho também dizer com o melhor agrado: «Viva esta sociedade honrada do trabalho!» Aveiro, 19-3-904.

Albino Mendes.

O Syndicato Agrícola do Districto de Aveiro pede-nos a publicação do seguinte:

M.º e E.º Sr. — Accuso recebida a circular de v. ex.ª de 1 do corrente, assim como a representação que a Real Associação Central da Agricultura, Portuguesa, dirigiu ao parlamento contra as propostas de fazenda, algumas das quaes, apesar dos protestos lavrados em nome da agricultura, do commercio e da industria, já foram sancionadas com a votação da camara dos deputados. O Syndicato Agrícola do Districto d'Aveiro, tem sempre acompanhado essa Real Associação nas representações a bem dos interesses da agricultura, e não regateia agora a sua adhesão ao justo appello que v. ex.ª pretende de novo fazer chegar aos conselhos da Corôa, mas entende que é tempo perdido reclamar de governo providencias salutaras em proveito da agricultura nacional, depois de se saber que o governo nenhum uso fez da auctorisação

que pediu para rezolver as questões relativas a cereas, azeites e vinhos. Este Syndicato entende que a classe agricola nada conseguirá dos governos enquanto não levar ao parlamento deputados seus, com mandato imperativo para tratarem as questões de interesse agricola, desprendidos de compromissos partidarios e empenhados apenas em chamar a attenção do governo e do paiz para a resolução dos assumptos que mais se relacionam com o desenvolvimento da industria agricola. Se a união faz a força, unam-se os agricultores, não para ajudarem a politica de emprego, que hoje é a norma que orienta e consolida o partido que governa e o que aspira a governar, mas a politica agricola que se imponha aos governantes com uma força viva do paiz, a unica que não tem representação no parlamento, e a unica que devia ali apparecer de cabeça levantada a fallar com toda a independencia a bem dos seus interesses.

Deus guarde a v. ex.ª

Censoreio

Matrimoniou-se na igreja de S. Domingos, a menina Gloria Rodrigues da Silva, filha mais velha do nosso amigo Julio Rodrigues da Silva, habil mestre das officinas de sapataria do «Azylo-Escola Secção Barboza de Magalhães», com o sr. Joaquim Estevão Ventura, conceituado negociante de pescado da nossa beira-mar.

Aos jovens nubentes desejamos um futuro sorridente e cheio de prosperidades.

Calote official

Já difficilmente se encontra em Aveiro quem forneça uma aresta ao Estado. Difficilmente se não fôr em absoluto.

Ha fornecedores a quem se devem fornecimentos de generos ha mais de um anno. Os operarios vêem-se quasi nas mesmas côlicas.

Ora isto não pôde continuar assim, porque os negociantes compram geralmente as suas fazendas a 3 mezes de prazo e expirados estes, os pagamentos teem que serem feitos integralmente.

O Estado sabe d'isto, o Estado sabe também que o operario não pôde viver sem lhe pagarem a fêria ao fim da semana, porque os seus creditos, no geral, são semanaes, e o muito, mensaes.

O Estado deve, portanto, pagar o jornal a quem trabalha e egualmente a quem lhe fornece aquillo que precisa.

E voltaremos ao assumpto.

OS PESSIMISTAS

Dêram agora os pessimistas em aterrar as almas com a prophécia da guerra. Não sabemos se será manobra do governo para desviar a attenção das questões de fazenda. Mas seja ou não seja, nada mais estúpido do que affirmar que é inevitavel a conflagração geral.

Em que se fundam os doutores para uma affirmação de tal modo absoluta? Bem se vê que nunca estudaram a guerra nos seus perigos, nas suas difficuldades, nas suas consequencias.

Nós não affirmamos nada, mas se tivéssemos de affirmar alguma coisa affirmariamos que a tal conflagração geral nunca viria. Não quer isto dizer que ella não seja possível, nem mesmo provavel. Quer dizer apenas que se ha probabilidades a favor d'ella ha muitas mais contra ella.

Uma guerra geral é uma coisa tão selvagem, tão contraria aos sentimentos d'este tempo, tão offensiva das conquistas da civilisação, e, sobretudo, tão perigosa, que acreditar n'ella cegamente é imaginar que todos os dirigentes do mundo endoideceram.

Supponhamos que as classes conservadoras põem completamente de parte os sentimentos humanitarios, e que desprezam as conquistas da civilisação. O que ellas não põem de parte, com certeza, é o proprio interesse.

Ora seria uma confiança visinha da loucura admitir que atraz da grande guerra não venha a grande revolução social, que de ha muito se prepara.

Paralhem todo o trabalho da Europa e da America, ou só da Europa, ou só da America, como acontecerá com uma guerra europeia, americana, ou das duas partes do mundo, e esperem-lhe pelo troco.

Decididamente, os patetas que dão como certa a conflagração geral, não sabem, de perto nem de longe, o que seja uma guerra de tal ordem.

E' possível que as classes dominantes tenham endoidecido a ponto de se lançarem n'uma aventura d'essa natureza. Mas até vêr é licito duvidar-se.

Deixem os armamentos da França, da Inglaterra, de todas as nações. Esses armamentos veem de longa data. Augmentam agora, o que é natural. Mas d'ahi até a guerra ha distancia.

A guerra vae matando a guerra. Ver-se-ha como esta expressão se vae convertendo em verdadeiro aforismo.

Um pequenito do Albany, andando a brincar um dia d'estes junto ao caes onde se realisa o mercado annual de S. José, teve a infelicidade de se lhe virar por cima do corpo uma pilha de madeira, que o mataria irremediavelmente se lhe não accudissem tão de prompto. Todo o cuidado é pouco com as creanças.

eu e li nas dypticas da synagoga hollandeza chamada a Casa de Jacob... Com que então conheceu vossemecê mui de perto...

— Conheci, como se conhece um irmão—accudiu Braz Luiz.—Não lh'o disse diante de meus filhos, porque é men dever de pae e de christão esconder d'elles coisas tristes da minha mocidade, por isso que o mundo, se m'as soubesse, faria d'ellas espinhos, que me entrassem pela frente dentro e me levassem a morte ao coração. Vou contar-lhe com egual sinceridade á da historia de meu sogro, o que eu sei de Heitor Dias da Paz e... de mim. As mais antigas reminiscencias da minha infancia prendem-se a Heitor Dias da Paz.

Ditas estas palavras, Francisco Luiz de Abreu ouviu o bate de uma forte pancada no coração. Braz devia ver-lhe a subita alteração do aspecto, se tivesse mais claridade a sala, e elles não estivessem sentados no recanto mais escuro d'ella.

Braz Luiz continuou: — Lembro-me de algumas coisas dos meus seis annos. Vejo uma mulher que me aperta ao coração, e desapparece para nunca mais ser vista. Nem

ja sei que feições ella tinha, nem sei onde a vi. É a recordação de um sonho isto, e pouco mais. Perguntei depois quem era aquella mulher, e responderam-me que fôra uma visão; e, se não era visão, mais tarde eu o saberia. Ora, as pessoas que podiam dizer-m'o, porque assim m'o tinham prometido, morreram. Uma era Francisco de Moraes, e outra era o filho, o supplicando Heitor.

Francisco Luiz arfava ancioso: ia-lhe no intimo coisa mais attribuladora que o susto da morte. Braz deu conta do que havia indissimulavel em tamanha anciedade; mas attribuiu tal inquietação ao natural condôimento do seu ovinete.

E, proseguindo, disse: — Heitor Dias chamava-me irmão; e Francisco de Moraes abençoava-me como a filho.

— Vossemecê vivia em casa d'elles? — Vivia, desde os seis annos, como já lhe contei. Passados alguns, Heitor foi para Coimbra, e levou-me consigo. Prestacionou-me para eu entrar no collegio de S. Paulo. No principio do anno de 1704, Heitor Dias foi preso, e sómente depois de 1707 alguns mezes, soube que a inquisição o conde-

A nossa carteira

Regressou de Lisboa á sua casa de Aveiro, o sr. Duarte Ferreira Pinto Basto e sua exm.ª esposa.

De Braga regressou a esta cidade, o sr. dr. Carlos d'Ameida Braga.

De Lisboa regressaram os srs. dr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães e José Nunes Branco, proprietario e industrial d'esta cidade.

Com sua familia regressou do Porto, o sr. José Maria Pereira do Couto Brandão.

Estiveram a semana passada n'esta cidade, os srs. Manuel Maques d'Almeida Bastos, Manuel Marques da Silva Branco e Antonio Simões Ferreira de Lima.

Passou no dia 13 o anniversario natalicio do sr. dr. Antonio Homem de Mello, secretario do tribunal do commercio do Porto.

Tambem fizeram annos, no dia 17, a sr.ª D. Adelaide da Rocha Cunha, e no dia 19 o sr. conselheiro Albano de Mello. As nossas felicitações.

Esteve quinta-feira em Santarem, o nosso amigo João Ferreira, importante capitalista em Lisboa.

Tambem vimos a semana passado em Aveiro, o sr. Francisco Casimiro, habil artista ilhavense.

Tem passado bastante incommodado de saude, o sr. Oscar Manuel Guedes Alvim, acreditado pharmaceutico em Tamengos.

Desejamos-lhe promptas melhoras.

Passa encomodado de saude o sr. Antonio Candido Moreira, acreditado negociante de Guimarães.

O sr. Moreira, que é natural d'esta cidade, regressou aqui, logo que se achou doente, a entregar-se aos cuidados de sua familia.

A goso de férias encontram-se n'esta cidade os distinctos academicos da Escola Medica do Porto, srs. José e Antonio Rodrigues Soares, filhos do sr. dr. José Rodrigues Soares, illustre professor do nosso lyceu.

Anniversario do Recreio Artístico

Passou hontem o 3.º anniversario d'esta florescente associação local, e uma das mais prosperas das suas congeneres no paiz.

Salas, corredor e atrio do edificio onde se acha instalada, achavam-se lindamente engalanadas com trophéos e festões de verdura, salientando-se em tudo a boa ordem, acção e boa disposição.

Deve-se o bom resultado d'isso tudo ao habil e modesto artista de Aveiro, sr. José Maria Paulino que mais uma vez revelou as suas vastas aptidões de artista e decorador.

Não é a primeira vez que temos occasião de ver e avaliar trabalhos identicos e ainda de maior merecimento do honesto moço, e por isso cabe bem dizel-o hoje em publico.

O nome obscuro, embora honrado, de José Maria Paulino tem direito a influir-se no numero d'aquelles que sabem honrar a arte. Merece-o.

Sobre um improvisado estrado de madeira tocou a banda de infantaria 24 algumas peas do seu variadissimo e selecto repertorio, merecendo louvores de quantos a escutaram pela excellencia da sua execução.

Na verdade, o sr. Joaquim Alves Ferreira, digno regente d'aquella banda, pelo seu saber, pela intelligencia com que preside aos seus ensaios, tem sabido eleva-la a par das melhores bandas do paiz.

mnára a ser queimado vivo, e que o ancão—o desgraçado que não tinha outro filho, e chorava a mulher na sepultura ainda fresca—saíndo ao encontro da procissão do auto da fé, se suicidara em presença de Heitor.

Francisco Luiz de Abreu levantou-se hirto, de golpe, tremendo e pallido.

Este movimento como que levantou o marido de D. Josepha pellos cabellos, sem que elle comprehendesse a força mysteriosa que o repuchava.

— Que tem, D. José?—perguntou o medico.

— Eu não comprehendo o horror da sua situação!—murmurou Francisco de Abreu em legitima lingua portugueza, tapando os olhos com as mãos convulsivas.

— Não comprehende o quê?!—interpellou Braz, estranhando grandemente a mutação de linguagem.

— Como se chamava seu pae?—perguntou com palavras intercoartadas pela abafação o hospede.

— Não sei...—tartamudeou o interrogado.

— Porque se chama Braz Luiz de Abreu? Como ajuntou este sobrenome e appellido ao seu nome baptisual?

Em frente da banda e n'uma estante de madeira muito bem ornamentada, achavam-se as prendas offerecidas por varios cavalheiros e senhoras para a «ermesse», em beneficio da Caixa de Soccorros d'aquella Sociedade. Em diversas mezas dispersas pelas salas, algumas gentis tricanas vendiam bilhetes para o bazar.

Emfim, grande animação, muita concorrencia e a maior cordialidade a reinar em tudo para fechar com chave de ouro aquella boa e sympathica festa operaria.

A fanfarra do Azylo-Escola tambem alli se fez ouvir por algum tempo.

MAK-RÃO.

BAZAR DO RECREIO ARTISTICO

Receberam-se mais as seguintes prendas das ex.ªs sr.ªs: D. Delfina Lima, 1 par de jarras (solitarias); D. Clara Marques, 1 par de sapatos de porcellana com 2 frascos de essencia; D. Carolina Moreira, 2 chavenes e pires de porcellana; 1 copo e prato de vidro para agua; 1 bilha para leite e 1 açafate pequeno; D. Clementina Rocha, 1 par de jarrinhas de biscuit; D. Maria Josepha Marques da Graça, 1 par de bonecos de porcellana e 1 limpa-pennas; D. Emilia da Silva Lemos, 2 caixas de sabonetes e 1 par de jarras; D. Benedicta Regalla de Vilhena, 1 bilha de faiança; D. Bertha da Conceição Barboza, 1 par de jarrinhas e 1 alfineteira, ambas de porcellana; D. Maria José Gomes, 1 par de jarras; D. Maria d'Apresentação Benedicta Hnet Bacellar, 1 almofada bordada e 1 palliteiro de porcellana; D. Maria Roza da Encarnação, 1 par de jarras; D. Luciana Roza de Jesus, 1 par de jarrinhas e 1 alfineteira, ambas de porcellana; D. Maria da Conceição Silva, 2 pratos para sala de jantar; D. Maria Felicidade Ferreira, 2 tapetes para candieiro; D. Amandina da Conceição Oliveira, 2 cinzeiros e 2 ventarollas; D. Maria do Rosario Maximo Guimarães, 1 par de jarras com 2 figuras allegoricas; D. Albertina da Costa Braga, 1 guarda-escovas, bordado; D. Francisca Nunes d'Azevedo, 1 par de jarras; D. Arminda Pinho das Neves, 1 par de jarrinhas de porcellana; D. Maria d'Apresentação Felix Pinto, 1 argolla de prata dourada para guardarapao; D. Maria d'Apresentação Lé, 1 alfineteiro em seda bordada; D. Maria da Luz Henriques, 1 copo azul para agua e 1 cestinho de vidro; D. Maria da Piedade Ferreira, 1 pipo de madeira; D. Laura Marinho, Pinto d'Almeida, 4:000 reis em dinheiro; D. Laura Rocha, 2 figuras de biscuit, 1 par de jarrinhas tambem de biscuit e 1 frasco de essencia; D. Amelia da Silva Damaso, 1 lata para chá, 1 passo-partout em papel com photographia e 1 cesto de papel; Anonima, 1 garrafa de vinho; Anonima A, 1 garrafa de louça; D. Benedicta Augusta dos Santos, 1 carteira bordada; D. Candida Augusta dos Santos, 1 portaganchos bordado.

E dos ex.ªs sr.ªs: Luiz dos Santos Vaz, 1 carrinho de corda com um boneco; José Lopes do Casal Moreira, 1 garrafa de vidro para agua com pintura arte-nova; José da Maia Junior, Vagos, 1:000 reis em dinheiro; João Lourenço da Silva, de Oliveira d'Azevedo, 1:000 reis em dinheiro; Francisco Casimiro, 2 cinzeiros de porcellana, 1 palliteiro e 1 caixinha de sabonetes «Mignon»; Antonio Constantino de Brito, 2 garrafas de licôr tangerina; João Rodrigues da Rocha, 1:000 reis em dinheiro; Domingos Francisco Coelho, 1 relógio d'ago (phosphoreira); Manuel Fernandes Vieira, 2 bilhas e 1 touro em louça; dr. Lourenço Simões Peixinho, Lisboa, 1 manteiguiera em prata emalçada, e João Vinha da Silva Maio, 3 garrafas de vinho fino.

Notas alegres

— Que tal lhe parece este quadro pintado por minha filha?

— Francamente... acho-o detestavel. A sua menina tem algum professor de pintura de pouca nomeada?

— Não, senhor; pinta d'ouvido.

— Porque assim o achei escripto n'um abecedario da minha infancia.

— Que desgraça!—exclamou Francisco Luiz, e começou passando vertiginosamente na sala!—Que desgraça, Deus do céu!...

Braz encarava-o com terrivel spasmoprocurando nos olhos do seu hospede algum symptoma de demencia.

— N'isto, Francisco Luiz vae direito ao medico, como que o força a fazer pé atraz de espavorido, e diz-lhe:

— Vossemecê ama muito sua mulher?

— Se amo muito a minha mulher? Como a Deus, mais do que Deus! mais do que aos meus filhos!...

— Fitou-o com os olhos cheios de lagrimas o hospede, e disse-lhe:

— Não me falle por alguns minutos... não me falle... deixe-me pensar... mas o melhor é que eu me vá, e voltarei n'outro dia...

— Não... ha de explicar-me o que é isto... A sua linguagem é outra... Ha terrivel segredo aqui, ou o meu amigo enlouqueceu... Tire-me d'esta incerteza, por quem é...

(Continúa.)

FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XIV

O segredo horrivel

Braz Luiz, entrando á sala, den alguns passeios meditativo, examinou as portas receiando a curiosidade da familia; e disse a meia voz ao muito attento e como espantado hospede:

— Conheci-o, e conheci-o muito.

— A quem?! perguntou como já esquecido Francisco Luiz.

— A Heitor Dias da Paz.

— Ah!... já me não lembrava que estavam falando n'esse infeliz manco, cujos parentes conheci em Amsterdão... Devo dizer-lhe, meu amigo, que Heitor e o pae de Heitor, que se chamava...

— Francisco de Moraes Taveira...

— Justamente... são considerados santos no martyrologio ou cathalago dos martyres hebreus. Isto presenciei

EMPRESA CERAMICA

DA
FONTE NOVA

DE
Mello Guimarães & Irmãos
AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marse-
lha, feita pelos processos mais modernos e aper-
feicoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande
quantidade de telha franceza e seus accessorios,
e bem assim outros artigos para construcções,
taes como: azulejos para revestimento de pa-
redes de variados gostos, vasos para frontarias,
siphões, balaustres, manilhas, etc., productos
que rivalisam com os das principaes fabricas
congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

— DE —
ANTONIO FERREIRA FELIX,
Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes
e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zin-
co, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de
aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças,
panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros,
pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réde
para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em
massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Com-
panhia SINGER obtiveram na Ex-
posição de Paris de 1900 o mais alto
premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tan-
tas outras que estas excellentes e
bem construidas machinas tem al-
cançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Abastecimento de carnes á cida- de de Lisboa.

Esta empresa previne os cria-
dores de que recebe gado
para açoagne nas epochas
propias pelos preços que
constam do seu contracto.

Venda de couros, em lei-
ção todas as segunda-feiras
no meio dia, em lotes cor-
respondentes á matança de
cada dia.

As condições estão paten-
tes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, san-
gue secco para adubos, es-
trume, etc.

Rua da Boa Vista,
3 Lisboa

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR
ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO
PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCCÃO
PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do
continente, ilhas e ultramar, e na
CASA EDITORA

LIVRARIA AILLAUD

Rua do Ouro,—249-1.º
LISBOA

“Os ultimos escandalos de Paris.”

Grande romance de Dubut de Laforest,
ilustrado de numerosissimas e esplên-
didas gravuras. Mais interessante que
os *Mysterios de Paris* e *Rocambolo*. Ro-
mance de acontecimentos sensacionaes
e verídicos occorridos na actualidade.
Obra moralissima pela edificação dos fa-
ctos relatados e pelas injustiças que
esses mesmos factos frequentemente
annuncia. *Brinde a todos os assignantes*:
Uma elegante capa de brochura para ca-
da volume, impressa a duas cores e com
desenhos apropriados ao assumpto tra-
tado no mesmo volume. Um premio da
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
nas condições dos prospectos em distri-
buição.

Fasciculo semanal de 40 paginas e
5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de
160 paginas e 20 gravuras, 200 réis.

Assigna-se em todas as terras do
paiz onde temos agentes, e na «Editora»
—Lisboa—L. do Conde Barão, 50.

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco
Nacional Ultramarino. Ex-professor pro-
prietario da 5.ª cadeira
do Athenaeo Commercial de Lisboa
Perito ante os tribunales Commercial
e Civil. Publicista

E sobejamente conhecido em todo o
paiz o nome do auctor para que preci-
samos recommendar o valor d'esta obra,
indispensavel ao commercio e á indus-
tria em geral.

Esta obra compôr-se-ha
aproximadamente de 50
fasciculos de 10 paginas a
70 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo
do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Por-
to, na Livraria Chardron de Lello & Ir-
mão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em
casa de todos os seus agentes das pro-
vincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fas-
ciculo specimen a quem o requisitar.

“Povo de Aveiro.”

Em Lisboa, vende-se na
tabacaria Monaco.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF.”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

são estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura,
desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha
de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meunias, preços e condi-
ções especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para
toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratui-
tamente.
Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA—SANGALHOS

METHODO JOAO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada
pelo governo, 16.ª edi-
ção, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br., 200 réis,
cart., 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 5000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL
em 35 cartões, preço, 65000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre
questões de pedagogia), 1
vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o
prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.

Campo de Flores, Braga, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo
Braga, um elegante volume de 525 pag., com
dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indis-
pensavel aos
que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João
de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas
principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem
terão descontos especiaes.

Pedidos no deposito geral das obras de João de Deus,
Largo do Terreiro de Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer
explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á
viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Es-
trella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o
referido methodo.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

N'ESTA acreditada sapataria, sita
aos Arcos, ha sempre excellente
calçado feito, tomando-se tambem en-
commenda por medida. Pela segurança
da obra e pela boa qualidade dos cabe-
daes se responsabilisam os annuncian-
tes.

Egualmente garantem a todos a mo-
dicidade de preços.

Vêr para crêr

A NOVA PHASE

DO

SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes
de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160
—LISBOA.

Preço 200